

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: Bolsistas de Iniciação Científica e Iniciação Tecnológica da Unijuí

O SUJEITO DA APRENDIZAGEM E O PAPEL DA ESCOLA¹ **THE SUBJECT OF LEARNING AND THE ROLE OF THE SCHOOL**

Emanuel Dos Santos², Ana Paula Kappke³, José Pedro Boufleuer⁴

¹ Projeto de pesquisa realizado no Departamento de Humanidades e Educação (DHE) da Unijuí, vinculado ao projeto: Razão Comunicativa e Educação: o Ensinar e o Aprender em Perspectiva Pós-Metafísica

² Aluno do Curso de Psicologia da Unijuí e Bolsista de Iniciação Científica - PROBIC/FAPERGS - no período de fevereiro/2018 a julho/2018. E-mail: emanuel.dossantos@hotmail.com

³ Graduada em Pedagogia da Unijuí, bolsista de Iniciação Científica - PROBIC/FAPERGS - no período de agosto/2017 a janeiro/2018. E-mail: ana.paula.kappke@gmail.com

⁴ Professor Doutor do Departamento de Humanidades e Educação da Unijuí, orientador. E-mail: jospebou@unijui.edu.br

Introdução

A aprendizagem é um elemento importante para o processo educativo. Nessa perspectiva, o pesquisador e professor Mario Osorio Marques publicou, em 1995, o livro “A Aprendizagem na Mediação Social do Aprendido e da Docência”, no qual tratou do tema da constituição humana mediante processos de aprendizagem e de como a mediação docente acontece dentro da sala de aula.

Nessa perspectiva, não podemos negar que a escola assume um papel importante na estruturação do sujeito-aprendiz. É possível observar que as crianças/jovens assumem uma posição no discurso familiar, inteiramente relacionada à escola. O sociólogo Michel Young tem se destacado por refletir sobre o papel da escola e sobre a especificidade do conhecimento escolar, diferenciando este em relação a outros tipos de conhecimento, como o aprendido no cotidiano.

O presente trabalho consiste em apresentar o sujeito da aprendizagem que Mario Osorio Marques destacou em sua obra, considerando os desdobramentos desse entendimento para o sujeito-aprendiz dentro da escola, situando isso na perspectiva do papel da escola como compreendido por Michael Young.

Metodologia

O trabalho teve seu embasamento em livros, textos e trabalhos debatidos nos encontros do projeto: Razão Comunicativa e Educação: o Ensinar e o Aprender em Perspectiva Pós-Metafísica, alocado ao Departamento de Humanidades e Educação da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul - UNIJUI, sob responsabilidade do professor José Pedro Boufleuer.

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: Bolsistas de Iniciação Científica e Iniciação Tecnológica da Unijui

Resultados e Discussão

“Aprendi na escola da vida” é uma expressão popular constantemente utilizada no discurso do “senso comum”. No entanto, notamos que essa “frase pronta” ou “clichê popular” nos guia para uma reflexão. Primeiro, devemos admitir que a “escola da vida” não assume a mesma função que a “escola”. No segundo momento, não podemos negar que todo sujeito “aprende”, portanto, a “escola da vida” existe (de forma imaginária), e aqui vamos chama-la de cotidiano.

Diferentemente de algumas abordagens teóricas que apostam em uma aprendizagem altamente adaptativa, ou que apontam para os estímulos como sendo o “motor” da condição de aprendiz, Mario Osorio Marques, defende que a aprendizagem é uma reconstrução autotranscendente, isto é, se põe na direção de infinitas possibilidades, e, portanto, como autotransformadora, num sentido bem distinto do que seria uma mera adaptação ou acréscimo de habilidades.

Nesse sentido, de todas as espécies de animais apenas uma, a humana, possui tendência de migrar do campo do instinto para uma grande cadeia de possibilidades de desenvolvimento. Graças ao sistema simbólico e linguístico é possível que os humanos se constituam em sujeitos que aprendem, que conhecem, que constituem um mundo comum. A escola, portanto, surge em função e para o desenvolvimento dessas infinitas possibilidades de construção de um “eu” que as mediações simbólicas oportunizam.

O sujeito da aprendizagem deve ser lido como um sujeito de linguagem. Para Lamberte, Pereira e Jerusalinsky (2012, p.67), “O próprio termo sujeito” deve ser compreendido em sua dimensão de um substantivo constituído a partir de um participio do passado: sujeito = assujeitado, às leis da linguagem e do mundo simbólico”. Dessa forma, o aprender mostra-se como fundamental no gênero humano e, segundo Mario Osorio Marques (1995, p.15), “[...] o homem se pode definir como um ser que aprende”.

Nenhum homem nasce pronto, portanto, a organização de um ser se dá justamente pelas relações que esse vai ter com a natureza, com uma cultura já objetivada e com os semelhantes (outros). Iniciar-se na aprendizagem na perspectiva de Mario Osorio Marques é antes de tudo entrar no mundo da vida.

À base da experiência do gênero humano se inserem os sujeitos em seu mundo da vida e o reconstruem ao nele se relacionarem entre si e com suas objetivações de maneira ainda não tematizada, isto é, não fraccionada pelas abstrações discursivas, pano-de-fundo e suporte no entanto, por elas supostos. Coloca-se, assim, o mundo da vida como anterioridade primeira, onde se alicerçam as aprendizagens e se efetivam e onde radica, em sua unidade, o processo de socialização/individualização e da singularização do sujeito. (MARQUES,

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: Bolsistas de Iniciação Científica e Iniciação Tecnológica da Unijui

1995, p.19)

Podemos definir o sujeito da aprendizagem como um ser singular. Os agrupamentos do cotidiano são uma primeira forma de aprendizagem. Nesse sentido, a escola não é a primeira fonte de “ensinamento” que o sujeito-aprendiz tem, mas é somente na escola que podemos definir o conhecimento como uma ação que exige reflexão.

Para o sociólogo inglês Michael o papel da escola é promover o desenvolvimento intelectual dos estudantes através do “conhecimento poderoso”. Segundo o autor, o conhecimento poderoso é o conhecimento especializado e teórico, ou seja, o conhecimento derivado das áreas ou campos do conhecimento.

Em seus escritos, principalmente “Para que servem as escolas?”, o autor faz um movimento de situar a escola como uma instituição que tem como propósito específico promover a aquisição do conhecimento, mais especificamente o conhecimento poderoso.

[...] minha resposta à pergunta “para que servem as escolas?” é que elas capacitam ou podem capacitar jovens a adquirir conhecimento que, para a maioria deles, não pode ser adquirido em casa ou em sua comunidade, e para adultos, em seus locais de trabalho. (YOUNG, 2007, p. 1294)

Assim, em Young temos uma definição clara e específica de qual é a função da escola e que pode ser tomada como uma referência para definirmos o seu papel.

A escola, nessa perspectiva, é um espaço no qual crianças, jovens e mesmo adultos podem adquirir um conhecimento diferente daquele que já tiveram ou terão no espaço privado da família, na comunidade, no trabalho e em outros espaços (diferenciação entre conhecimento escolar e conhecimento não escolar).

Na escola os alunos tratam o mundo como um objeto de pensamento e não como um espaço onde se dão experiências com o mesmo. Enquanto que no universo fora da escola os estudantes, como filhos, cidadãos, trabalhadores, crianças, enfim, qualquer que seja sua condição, estão vivendo experiências no mundo e sobre o mundo, na escola eles têm a oportunidade de ampliarem a aprendizagem, tornando-a conhecimento poderoso. Conhecimento esse acerca do mundo, podendo, assim, avançar para além de sua experiência cotidiana. Nesse sentido, também o sujeito-aprendiz passa a refletir sobre a aprendizagem adquirida fora da escola.

Um ponto em comum entre esses dois autores refere-se à forma de como será “transmitido” o conhecimento. Michel Young defende a ideia de que essa transmissão de conhecimento não se dá de forma mecânica, passiva e unidirecional, mas que deve haver o envolvimento do estudante no processo. Mario Osorio Marques postula que a aprendizagem não se dá pela repetição, mas pela forma ativa com que o sujeito “abraça” o mundo, de modo que a

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: Bolsistas de Iniciação Científica e Iniciação Tecnológica da Unijuí

aprendizagem efetiva só se dá pelo atravessamento que essa terá no próprio “eu”.

Conclusão

Aprendemos pela linguagem, sendo, inclusive, obra dela a escola, o sujeito, o conhecimento e o cotidiano. Não se pode negar o fato de que, antes de entrar na escola, os sujeitos tornam-se alunos da “escola da vida”, ou melhor, “escola do cotidiano”, porém, essa não possibilita a reflexão sobre o mundo. A escola serve como um espaço para tematizar as áreas do saber. O movimento de aprender com o passado (a tradição) e com o outro faz com que a aprendizagem penetre no “eu” de forma singular. Nesse sentido, não podemos pensar que a aprendizagem e a aquisição do conhecimento vão ser as mesmas coisas, nem apontar para uma forma de aprender igual em qualquer espaço. Pensamos a escola como um lugar real, com um papel insubstituível, o de fazer o “aluno” refletir sobre o mundo.

Referências

MARQUES, Mario Osorio. *A aprendizagem na mediação social aprendido e da docência*. Ijuí: Ed. UNIJUI, 1995. 139 p.

POLANCZYK, Guilherme Vanoni; LANBERTE, Maria Teresa Martins Ramos. *Psiquiatria da infância e adolescência*. Editora Manoli, 2012

YOUNG, Michael. O futuro da educação em uma sociedade do conhecimento: o argumento radical em defesa de um currículo centrado em disciplinas. *Revista Brasileira de Educação*, v. 16, n. 48, p. 609-623, set./dez. 2011.